

Alguns desafios do Ensino Superior

Numa sociedade em que as qualificações das pessoas são cada vez mais importantes para o sucesso das nações, o ensino superior é uma das chaves para o desenvolvimento pois representa o patamar mais alto para a obtenção destas qualificações.

É notório o papel que as instituições de ensino superior têm tido para o desenvolvimento do país. Do conhecimento que fui adquirindo no desempenho das minhas funções, tenho constatado que as instituições de ensino superior têm sido decisivas no desenvolvimento de muitas cidades portuguesas, quer pelo impacto no tecido económico das regiões onde se inserem quer pelo ambiente social que dinamizam, em particular pelo número de jovens que movimentam.

Por outro lado as funções docentes no ensino superior são exigentes. Os docentes do ensino superior devem estar envolvidos em múltiplas actividades: serviço docente directo, acompanhamento e orientação dos estudantes, realização de actividades de investigação e de criação cultural, participação em tarefas de extensão, divulgação científica e tecnológica e valorização económica e social do conhecimento e, ainda, participação na gestão das instituições. Todas estas dimensões da actuação dos docentes são fundamentais e estruturantes para que as instituições de ensino superior reforcem o seu papel como motores de desenvolvimento.

Dois dos principais desafios que aqui queremos salientar são os que resultam do regime jurídico das instituições de ensino superior e da concretização plena do Processo de Bolonha.

A par destes dois desafios, específicos do ensino superior, temos os desafios de desenvolvimento do país.

Em conjunto há uma exigência para que sejam revisitados muitos dos métodos de trabalho que temos vindo a usar no dia-a-dia. Este visitar das nossas práticas não obriga a que se mude, obrigatoriamente, o que se vem fazendo, mas deve ser inserida numa prática constante de melhoria e



**Pedro Manuel
Barbosa Veiga**
Presidente
do Conselho
Geral do Instituto
Politécnico
de Castelo Branco

aperfeiçoamento institucional e individual que só é possível se todos tivermos uma visão crítica sobre o que fazemos e como o podemos fazer cada vez melhor.

Somos de opinião que a enorme evolução do sistema de ensino superior português nos últimos 30 anos está a conduzir à necessidade de repensar muitos aspectos. Trazemos de seguida algumas das nossas preocupações e que se enquadram nos desafios acima enunciados.

É necessário questionar-nos sobre a racionalidade científica, técnica e pedagógica da nossa oferta formativa. Cada instituição deve avaliar a adequação dos cursos que oferece face à dinâmica do mercado de trabalho, às ofertas da sua envolvente e às competências do seu corpo docente. Devemos favorecer formações de banda larga e aquelas que fomentem a interdisciplinaridade, que hoje em dia é característica da maioria dos sectores da economia.

Devemos alterar uma prática de crescimento muito centrada nas infra-estruturas físicas e caminhar para uma abordagem mais dirigida à reformulação científica, técnica e pedagógica dos cursos e para um aproveitamento cabal dos novos meios humanos que foram sendo formados nos últimos anos.

É crucial assimilar o Processo de Bolonha e ver como os processos de ensino e aprendizagem podem e devem ser alterados para nos adaptarmos aos novos paradigmas da Sociedade da Informação. Cada um deve avaliar em que alterou as suas práticas pedagógicas para tornar o ensino mais centrado na aprendizagem pelo aluno, para lhes inculcar mais autonomia, mais capacidade de aprender de modo autónomo e mais capacidade crítica.

Será importante criar sinergias entre instituições de ensino superior que aumentem a massa crítica de conhecimento científico e técnico e que evitem duplicações, por um lado, e tentativas de balcanização institucional por outro lado. A rede de instituições de ensino superior deve ser mais articulada, para promover ofertas formativas que sirvam mais os interesses

do tecido económico e social e sejam menos dirigidas à resolução dos problemas próprios das instituições.

Promover a implementação de métodos de gestão rigorosos e em que cada instituição tenha a transparência e visibilidade de actuação que justifique, perante a sociedade, como utiliza os recursos e meios públicos que tem à sua disposição.

É necessário reforçar o processo de comunicar à sociedade o que é feito pelas instituições e a importância do saber como mola de desenvolvimento da sociedade. Este tipo de abordagens traz benefícios mútuos pois dá a conhecer a instituição ao exterior e traz, muitas vezes, mais oportunidades de prestação de serviços à comunidade.

A afirmação de cada nação numa sociedade global, mais evoluída e com maior valor acrescentado passa, necessariamente, por atribuir uma maior importância à inovação. Os estudantes devem ser treinados e motivados para terem abordagens inovadoras e viradas para a criação de riqueza, recordando-lhes que estamos inseridos em espaços económicos globais. É preciso que a nova geração de jovens se habitue a pensar global mesmo que depois actue localmente.

Um dos problemas que também seria conveniente resolver é o que está relacionado com a baixíssima mobilidade territorial dos estudantes. Uma percentagem elevada dos candidatos ao primeiro acesso ao ensino superior, escolhe uma instituição na sua área de residência. Estamos cientes dos problemas económicos e sociais que é preciso resolver para ultrapassar esta situação. Mas a abertura ao mundo dos jovens também passa por conhecerem novas realidades, novos desafios e novas oportunidades. Fazer pelo menos parte do programa de estudos noutra local e noutra contexto social, o que o Processo de Bolonha teoricamente facilita, fornece aos jovens instrumentos comportamentais de um valor inestimável para o seu futuro.

Proponho que cada um de vós tente ver como pode contribuir, dentro da vossa instituição, para a melhoria que todos nós ambicionamos.